

## O BRASIL DE VINTE E QUATRO QUILATES

Além de muitas árvores, a selva amazônica tem muito ouro, diamante, manganês, bauxita, cobre, prata, níquel, crômio e tungstênio. A produção brasileira de ouro dobrou no ano passado.



Norman Gall

Cada um dos afluentes do rio Amazonas distingue-se por uma característica especial e, entre eles, o rio Madeira é o mais veloz, violento e carregado de ouro.

A cada primavera, as neves dos Andes derretem-se e correm em direção leste, alimentando milhares de córregos. Auxiliadas pelas chuvas tropicais formam correntes que desaguam nos grandes rios das florestas do Peru e da Bolívia, tais como o Beni, o Mamoré e o Madre de Diós, que são afluentes do Madeira no trecho em que aquele rio atravessa a velha crosta vulcânica do planalto brasileiro, carregando de suas margens não só os veios e as pepitas de ouro, mas, também, grandes quantidades de pedras, terra e gigantes árvores, motivo pelo qual o rio é denominado de Madeira.

A violência do Madeira arrefece durante uns poucos meses a cada ano. É o período em que começa a violência do homem, disputando o acesso às aluviões no leito do rio, considerado um dos depósitos mais ricos da região Amazônica e onde durante os últimos anos milhares de homens e mulheres têm participado da maior caça ao ouro verificada desde a descoberta das jazidas sul-africanas, há um século.

No verão passado havia um milhão de balsas no rio Madeira, pilotadas por pessoas provenientes de todas as partes do Brasil e de todos os estratos sociais, algumas das quais não haviam jamais garimpado, mas que lá se encontravam na esperança de obter fortuna rapidamente. De repente, milhares de pessoas deslocavam-se de uma parte da selva para outra, seguindo as “fofocas” acerca de novos e melhores garimpos. No espaço de uma semana, um pedaço da mata virgem pode transformar-se em uma cidade, provida com campos de pouso, bares, lojas, bordéis, cinemas, postos de gasolina e oficinas; servida por táxis, aviões, lanchas e ônibus; e povoada ativamente por homens trajando apenas sungas, chapéus de palha e, talvez as camisas do Flamengo, do Corinthians ou de outro grande clube do Rio ou de São Paulo. Então de forma igualmente súbita, tudo isso pode evaporar-se, à medida que todos seguem atrás de outra “fofoca”.

“De repente surge outra fofoca, situada a apenas duas horas de distância e à justamente, em uma perigosa queda d’água, responsável pelo afundamento de duas balsas e pela morte de várias pessoas, antes que se encontrasse uma maneira de atravessá-la”, diz Eduardo Silveira Clemente, um economista de 39 anos, descendente de uma quatrocentona família paulista, que ingressou na corrida do ouro quando a firma construtora se ressentiu com a atual crise econômica brasileira. “Do outro lado do rio, ao pé da cachoeira, havia ouro pesado, fácil de apanhar, do raso de uma lagoa, a apenas três metros de profundidade. No verão passado, apanhamos 16 quilos de ouro, no valor de 169 mil dólares, a preço internacional, 10 quilos dos quais retirados em apenas duas semanas do fundo daquela lagoa. Dos 16 quilos, guardei quatro após pagar os mergulhadores e os fornecedores. Todos os mergulhadores achavam-se enfraquecidos pela malária, mas continuaram a trabalhar, visto encontraram-se tão próximos do ouro. Durante as suas horas de descanso, tomavam soro o tempo todo, e antes de iniciarem o seu turno de três horas debaixo d’água, injetavam eles mesmos

uma dose de coquetel de vitaminas na veia. A dose era tão grande que suas temperaturas subiam ao entrarem na água. Ao saírem, estavam novamente com crise de Malária.

No início do século, quando a estrada de ferro Madeira-Mamoré se encontrava em construção, o rio Madeira era conhecido como “um extenso cemitério”. Em 1873, no início do ciclo da borracha amazônica, os empreiteiros americanos encarregados das obras da ferrovia reconheceram-se derrotados, declarando que “a região era um ossuário, com seus homens morrendo como moscas”, em um dos locais do mundo mais assombrados pela febre. Logo após o término da construção da ferrovia, H. M. Tomlinson escreveu em *O Mar e a Selva* (1912):

“A trilha saía de Porto Velho em direção à escuridão da floresta. Deixava a clareira e o vilarejo com suas edificações amontoadas, o local onde a selva tinha sido moderadamente subjugada, onde um mínimo de atividade havia se estabelecido em um continente primitivo, e atravessava um riacho através de uma ponte treliçada, bem à vista do nosso vapor, e desaparecia, e este era o seu fim até onde podemos dizer. Os homens voltavam ao assentamento através daquela abertura na floresta... para contar-nos, durante as longas noites quentes, algo que a floresta do Madeira encobria: e eles eram barbudos como Crusoé, pálidos como as mulheres anêmicas e cobertos de mordidas de inseto. Diziam que no lugar que estavam trabalhando, o sol nunca brilhava, pois sua luz era barrada pelo contínuo verde que, exceto onde corriam os grandes rios, cobria o chão todo.”

O ouro do Madeira está localizado em volta das 18 cataratas, abrangendo 230 milhas de rio bravio, que os construtores da estrada de ferro Madeira-Mamoré tentaram atravessar no auge do ciclo da borracha. Quando a ferrovia foi finalmente inaugurada em 1912, a exploração da borracha havia entrado em declínio. Entretanto, a construção da Madeira-Mamoré constitui-se em um avanço pioneiro quanto ao moderno maquinato utilizado para penetrar a selva no decorrer desse século. Durante as duas últimas décadas, o desbravamento acelerou-se com o auxílio de tecnologias: aviões, helicópteros, remédios, máquinas de terraplenagem, telecomunicações assim como levantamento aerofotogramétrico e geológico efetuado através de satélites e de radar, que contribuíram para derrubar as barreiras naturais que mantiveram a Amazônia em isolamento secular. “A corrida do ouro é um fenômeno moderno” escreveu W.P. Morrell em sua clássica história das Corridas do Ouro (1940). “Somente nos tempos modernos é que esta sede pelo ouro levou pessoas vigorosas a procurarem-no esforçadamente nos confins do planeta.”

Atualmente milhares de mineiros nômades, denominados garimpeiros, acorrem à Amazônia, à medida que a região pioneira da exploração de ouro volta a ser o interior do Brasil, três séculos após o início da expansão mundial da produção daquele metal. Embora o ouro mantenha ainda a função de sustentáculo do sistema monetário internacional, respondendo aproximadamente dois terços das reservas de todos os bancos centrais, sua produção demonstra, aparentemente, uma tendência ao declínio, pela

primeira vez em 300 anos, e após atingir o auge em 1970. A África do Sul, responsável por três quintos da produção total dos países não comunistas, viu seu produto cair em um terço desde então. De todos os países produtores de ouro, passados e presentes, apenas o Brasil parece ter a possibilidade de suprir essa escassez. A produção brasileira aproximadamente quadruplicou a partir das novas descobertas na região amazônica em 1976, e somente no decorrer de 1983 dobrou. A maior parte da atual produção brasileira de ouro é originária das jazidas situadas na selva, que está se revelando uma das maiores regiões minerais do mundo, contendo, não apenas ouro, diamantes, manganês, bauxita, cobre, prata, níquel, cromo e tungstênio, mas também um dos maiores e mais ricos depósitos de minério de ferro.

A parte mais visível dos garimpos espalhados pela selva é formada pelas clareiras abertas pelos garimpeiros para abrigar o povoamento de corrente da descoberta de novas aluviões e que servem de local de reunião, onde suprimentos podem ser lançados por aviões pilotados por aventureiros que fazem qualquer coisa por alguns gramas de ouro. As clareiras logo se tornam onduladas e precárias pistas de aterrissagem. O único meio de comunicação com o resto do país são os pequenos aviões que transportam com grande dificuldade a comida, a bebida, as prostitutas, o combustível, o equipamento e os comerciantes que abastecem os garimpos. Alguns minutos após a aterrissagem, os aviões decolam levando pequenas bolsas com ouro em pó, alguns garimpeiros que bamburraram - encontraram grande quantidade de ouro - e muitos atingidos pela malária, a febre amarela ou a hepatite, após meses de permanência na selva. A partir do movimento observado nos campos de pouso da Amazônia, um estranho poderia concluir que lá há mais pilotos do que índios e poderia estar certo. Se os aviões não estivessem sobrecarregados e os pilotos não muito bêbados, um visitante poderia participar de mergulhos e rasantes espetaculares a apenas alguns metros de distância do garimpo, antes de sacolejar na pista de aterrissagem. Esta serve de rua principal da nova comunidade e vê os restos dos aviões estilhaçados enferrujarem ante a fileira apertada de bares, discotecas e de outros estabelecimentos comerciais cujos alto-falantes transmitem os estrondos roucos da música pop e canções de tristeza e desejo, durante 24 horas por dia. Os garimpeiros e as jovens que desfilam provocantemente de shorts ou de vistosos vestidos de cetim na borda da pista vêm das mesmas fazendas e vilarejos do Nordeste brasileiro, assolado pela seca dos últimos anos que os levou a vagar de “fofoca” em “fofoca” pela Amazônia toda.

No Brasil de hoje, como em outras épocas e locais, a descoberta de ouro foi um fator importante no desbravamento e no povoamento de novas terras. O que hoje se passa na Amazônia, aconteceu na Sibéria em 1820, na Califórnia e na Austrália em 1850. Da mesma forma que na selva Amazônica atualmente, o viajante da Califórnia em 1850 verificava que, entre os mineradores, “milhares estão literalmente desbrigados. Vários grupos movimentam-se continuamente do para a ravina, da ravina para o vale, à procura de variedade ou de alguma aluvião”, sendo que muitos desconhecem inteiramente qualquer coisa relacionada com a mineração. As cidades e os acampamentos de mineração sempre surgiram e desapareceram como bolhas de ar. Os exploradores da Califórnia deram às suas lavras nomes como Bar do Homem Morto, Ravina da Mula Doida, Cidade do Uísque. Os brasileiros atualmente denominam os seus garimpos de Vietnam, Ratinho, Babilônia e Serra sem Calças. Para explicar a sua obsessão com a descoberta do ouro na Califórnia os exploradores costumavam dizer: “Vi o elefante” No Brasil, o animal escolhido poderia ser o tatu, um pequeno mamífero que cava túneis nos morros da floresta, sendo então muito difícil encontrá-lo.

“Na Serra sem Calças” tudo começou com o tatu” dias Osmar Sabino da Silva, um jovem empreendedor que vendeu sua lanchonete na cidade paranaense de Cascavel, no centro da mais rica região produtora de soja, e dirigiu-se para o Estado de Rondônia, próximo à fronteira com a Bolívia, definida pelos afluentes do rio Madeira. Durante meses, aquele tatu brincou de esconder com os garimpeiros que estavam trabalhando em um pântano próximo. A carne do tatu é boa e os garimpeiros estavam famintos. O tatu estava escondendo-se nos buracos por ele cavados no alto do morro. Um dos garimpeiros resolveu procurar naqueles buracos e descobriu que

o alto do morro estava cheio de ouro.

Os exploradores chamaram a nova descoberta de Serra Sem Calças, na esperança de que ela viesse a se mostrar tão rica quanto a Serra Pelada, a enorme jazida aurífera descoberta ocasionalmente por fazendeiros em outro morro da selva, situado a alguns milhares de quilômetros a Leste. “Os garimpeiros estavam extraindo tanto ouro em Serra sem Calças que foram filmados para um programa nacional de televisão, apresentado às noites de domingo, apesar de tentarem manter em segredo a sua descoberta e de manterem-se de costas para a câmera o tempo todo”, explicou animadamente Oscar sentado em sua rede no meio da floresta tropical. “Eles contrataram guarda-costas e continuaram as escavações, enquanto milhares de pessoas chegavam de todas as partes do Brasil. A princípio os guarda-costas os mantiveram longe das lavras. Mas os recém-chegados começaram a passar fome a desesperar-se, enquanto novas levadas continuavam a chegar. Finalmente, apareceu um policial e disse que cada um podia pegar um saco de terra a fim de não morrer de fome. Era tudo que precisavam. As pessoas diziam que um saco com esta terra continha ouro suficiente para pagar uma viagem aos Estados Unidos! A loucura durou três dias! Durante esse tempo, cavaram tanto no alto do morro que as paredes cederam e houve deslizamento. Os que estavam à entrada do túnel ficaram tão danados que começaram a enterrar os que se encontravam dentro. Houve uma grande confusão. Quando ela terminou, não havia mais ouro no morro.”

O ouro do morro acabou, mas há a esperança de muito mais em outros lugares. O ouro está sendo descoberto no Brasil inteiro. As companhias estrangeiras de mineração estão investindo quase um bilhão de dólares em

prospecção e na expansão de antigas minas da época colonial, algumas datando do período em que o Brasil era o principal produtor mundial. Nas áreas de mineração da época colonial como Minas Gerais e Mato Grosso, as crianças peneiram o chão das ruas dos vilarejos após as chuvas; os estudantes cavam partes do campus universitário e os trabalhadores desempregados e suas famílias examinam a grande jazida de ferro de Itabira. Minas Gerais, que con-

tém, sabidamente, ouro. Todos os Estados brasileiros produzem ouro em quantidades comerciais.

A proporção que a crise financeira brasileira se acentuava sobre o peso de uma dívida externa de 100 bilhões de dólares, que o país não tem condições de pagar, a febre do ouro pagava-se com aquisição por parte dos bancos, das corporações e dos indivíduos das grandes cidades. Paralelamente constituiu-se um mercado formado por negociantes escusos e contraventores que anunciavam “Compra-se ouro” pelas ruas da cidade. Para subir esse mercado, ladrões invadiram a sede da Confederação Brasileira de Futebol e roubaram o símbolo de orgulho Nacional, a Taça Jules Rimet, conquistada pelo Brasil em 1970 ao vencer pela terceira vez o campeonato mundial. A polícia diz que a taça foi derretida e transformada em barras de ouro. “O Brasil precisa de uma galinha dos ovos de ouro” diz um plantador paulista que descobriu ouro em sua fazenda no sul do Paraná, onde os colonizadores portugueses encontraram o metal em 1578. “Há tanta preocupação financeira que este tipo de esperança é terrivelmente necessário. Nada atrai tanto o homem quanto o ouro. Estamos às vésperas de ouro Klondike ou outra Califórnia”.

O elefante vislumbrado pelos exploradores da Califórnia era a efígie do guinéu, uma antiga moeda inglesa fundida com ouro da África Central a partir de 1663, um pouco antes do Brasil ingressar em 1680 na primeira e mais duradoura corrida do ouro, e de acionar enorme expansão da produção deste metal verificada nos três séculos que se seguiram. No século 18, as regiões pioneiras do Brasil contribuíram com três quintos de produção mundial, ou seja, a mesma percentagem produzida atualmente pela África do Sul. Esse influxo de ouro na economia europeia permitiu a Isaac Newton estabelecer, como chefe da Fundição Real em Londres, o padrão de ouro a ser adotado para o dinheiro em inglês já que a produção mundial havia dobrado entre 1720 e 1760. Enquanto que as posteriores corridas do Ouro duraram cerca de uma década, o ciclo do ouro brasileiro caracterizou-se por uma produção crescente durante os 60 anos que vão de 1680 a 1740, e pelo início de um declínio acentuado somente a partir de 1760. Naquela época, o problema não era encontrar ouro, mas, sim,

## “O ouro está sendo descoberto no Brasil inteiro. As companhias estrangeiras estão investindo quase um bilhão de dólares em prospecção”.

uma tecnologia atrasada, a falta de capital para investir nas minas e uma crescente escassez de mão de obra escrava.

O que individualiza o ciclo do ouro no Brasil do século XVIII em relação ao dos outros países é não somente a sua longa duração, mas também o seu fracasso em adotar uma tecnologia melhor. A Coroa portuguesa recusava-se terminantemente a contratar qualificados mineiros alemães e húngaros - os detentores da melhor tecnologia da época- para aprimorar as lavras brasileiras com medo de que o conhecimento adquirido por esses estrangeiros estimulasse a invasão por inimigos. Os senhores portugueses não somente encontravam-se em minoria em relação aos escravos e libertos, mas permaneceram também dependentes dos pretos quanto a tecnologia de mineração e de metalurgia por eles trazida da Costa do Ouro, na África. As minas brasileiras faliram sob o peso do alto custo do dinheiro, situado em 10% ao mês, do alto preço dos escravos, dos pesados impostos e da intrincada legislação baixadas pela Metrópole. O espetáculo de extravagância e desespero causado pela febre do ouro desenrolou-se desde o início. “Como o solo que produz é extremamente árido é incrível que os mineradores tenham sofrido escassez de alimentos desde o início, alguns sendo encontrados mortos com uma espiga de milho nas mãos, já que este era o único alimento disponível,” escreveu no início do ciclo o jesuíta italiano André João Antonil, em *Cultura e Opulência do Brasil (1711)*. “(No entanto) aqueles que faziam grande fortuna com as suas minerações eram levados a comportar-se com grande arrogância e orgulho. Andavam acompanhados de homens armados prontos a cometer qualquer violência e a perpetrar as mais terríveis vinganças, sem qualquer medo da justiça. O ouro os incitava a jogar desbragadamente e a esbanjar desavisadamente grandes somas em futilidades e riquezas.

Embora muitas destas coisas aconteçam atualmente na Amazônia, a grande diferença consiste em que a mão de obra é relativamente abundante e barata- cerca de um décimo do custo dos pretos sul-africanos trabalhando atualmente nas minas subterrâneas. Os garimpeiros brasileiros são legendários criminosos, desde a descoberta do ouro e diamantes no século XVIII. Hoje, frequentemente, morrem de malária ou de desnutrição e trabalham com uma tecnologia pré-industrial. Não obstante, são elementos extremamente eficientes no desbravamento e a descoberta de recursos minerais nas regiões não mapeadas da selva. “A procura do ouro utiliza-se de muita mão de obra” diz Alain Lestras, um geólogo francês que reside no porto amazônico de Belém e publica o primeiro jornal brasileiro sobre o assunto, o *Jornal do Ouro*. Como o ouro é muito heterogêneo, os homens em terra têm que examinar áreas muito pequenas. Por esta razão, o garimpeiro é muito importante. Um homem pode enriquecer ao escavar uma pequena área em um morro ou na margem de um rio, enquanto que outros a alguns centímetros dele não encontram nada.”

Dos milhares de garimpeiros que vagueiam pela Amazônia, muitos não têm experiência prévia com a mineração. Mas existe um grupo de profissionais cujo talento para a exploração vem de décadas de trabalho nos córregos da selva em busca de ouro, zinco, diamantes, valiosos metais de uso industrial e pedras preciosas. A sua experiência pode ser aquilatada não somente pela diversidade dos locais de trabalho, dos garimpos de diamante do sul da Venezuela, ao território indígena de Roraima no planalto guiano, dos rios e matas de Mato Grosso aos morros de Goiás e ao ressecado sertão da Bahia, mas também pela antiguidade de alguns garimpos da Amazônia, tais como as jazidas do rio Gurupi, perto da costa atlântica do Pará, cuja exploração se iniciou em 1612 com escravos foragidos, ou os aluviões do território do Amapá, na fronteira com a Guiana Francesa, onde comerciantes holandeses ergueram um forte a quase 300 anos para comprarem ouro dos índios. A bacia do rio Tapajós, que é o outro afluente do Amazonas e atualmente a principal região brasileira produtora de ouro, foi desbravada há mais de dois séculos por portugueses em busca desse metal e de escravos e engloba, hoje, 130 e pouco garimpos cujas pistas de aterrissagem quebra a monotonia da paisagem amazônica.

A intensidade da corrida do ouro na Amazônia depende de duas oscilações de preço altamente especulativas: a cotação diária no mercado londrino, que é transmitida a cada manhã pela rádio federal em ondas curtas, e o mercado paralelo do dólar do BRasil. A fim de estimular a produção e comprá-la barato - ao custo marginal de emitir alguns bilhões de cruzeiros que se desvalorizam rapidamente com uma inflação de 200 por cento ao ano- o Banco Central do Brasil compra ouro em pó a um preço ligeiramente acima da cotação internacional, a saber, a cotação em cruzeiros no mercado paralelo, utilizando-se de seus agentes nos garimpos e nas cidades vizinhas. Se não fizesse isso, a maior parte da produção brasileira de ouro seria contrabandeada para fora do país como ocorria no passado.

Durante a maior parte 1983, a cotação do dólar no mercado paralelo esteve tão alta em virtude dos problemas com a dívida externa que chegou a incentivar um enorme aumento da produção brasileira de ouro, o que conseqüentemente estimulou a produção mundial. Por outro lado, a queda real do preço da década de 60 forçou Ari Navas e outros garimpeiros a abandonarem os garimpos de Tapajós encontrados há apenas alguns anos antes.

Agora eles estão de volta com a disposição. Em seguida, a acentuada alta de preço no final da década de 70, os garimpos do Tapajós tornaram-se a principal região produtora do Brasil. A fim de controlar este ouro, o governo está construindo uma estrada pelo meio da selva chamada de Trans-Garimpo. Acompanhando o avanço do equipamento vem uma leva de novos garimpeiros aproveitando-se do acesso terrestre para fazer novas descobertas ao longo do caminho. “O interesse do governo é que ouro não seja contrabandeado para o Exterior, e isso vai nos afetar,” diz um piloto grisalho, conhecido como Pai Velho, proprietário de um serviço de táxi aéreo, de seis pistas de aterrissagem na região do Tapajós, além de várias lojas, bares e estabelecimentos de comércio de ouro. Como fornecedor dos principais bens e serviços dos garimpeiros, que tem que viajar em seus aviões e pagar uma “taxa de embarque” nas pistas que ele possui. Pai Velho é o tipo de empresário que mais se beneficiou com a corrida do ouro. Entretanto, com abertura de Estradas até os garimpos as características do negócio estão mudando. Os garimpos estão desfrutando de maior liberdade e o ouro está mais barato de produzir.

Outras coisas mudaram também, à medida que se intensificava a corrida do ouro nos últimos dois anos. Em primeiro lugar a tecnologia foi enormemente aprimorada. Por muitos séculos a mineração processou-se da mesma maneira, sendo a técnica adotada tão antiga que o sistema de comportas empregado pelos exploradores da Califórnia, chamado de “cobra fumegante” na Amazônia assemelha-se às peles de carneiro usadas para peneirar o ouro há 3 mil anos atrás no Mar Negro, conforme atestado pela lenda grega do Velo de Ouro. Atualmente, graças principalmente à elevação do preço do ouro nos últimos anos, os garimpeiros puderam capitalizar-se e modernizar as técnicas tradicionais, substituindo-as por bombas de água e cascalho movidas a combustível, por moinhos portáteis, por mangueiras pressurizadas para escavar morros e por tratores, o que lhes permite fazer escavações mais profundas, extrair mais ouro do minério e permanecer mais tempo no local do garimpo. Em segundo lugar a quantidade de dinheiro investida e o aprimoramento da tecnologia fizeram com que alguns garimpos se tornassem assentamentos mais permanentes, habitados por um número maior de mulheres e crianças. Terceiro, o retorno da exploração do ouro e o investimento exigido atraíram muitas pessoas de classe média.

Com o aprimoramento da tecnologia, milhares de garimpeiros tem agora mais possibilidade de concorrer com as grandes empresas e de constituir firmas clandestinas. Estas companhias clandestinas partilham com os seus trabalhadores os riscos e o produto, requerem pouco capital e dependem pouco com a mão de obra, \$40 por mês ou cerca de um décimo do salário do trabalhador não qualificado das minas sul-africanas. O custo do equipamento básico é de cerca de 5 mil dólares, sendo frequentemente emprestado pelos comerciantes locais pelos compradores de ouro ou pelos donos dos táxis aéreos, em troca de parte da produção conforme costume secular das corridas do ouro. Este capitalismo clandestino tem atraído a classe média das cidades do Sul do Brasil atingidas pela crise econômica. Trabalhando como trabalhadores braçais no garimpo de Osmar Sabino da Silva em Serra sem Calças encontrava-se um corretor de imóveis de São Paulo, um advogado e uma estudante de economia. Um dos capitalistas clandestinos que encontrei no garimpo de cuja é João Rosa Godoy, um ex-lavrador e operário da construção que começou como braçal há três anos e possui agora 10 bombas de Cascalho operadas por 70 homens em três diferentes garimpos. “Comprei as minhas primeiras máquinas a crédito e o conserto eu mesmo” disse ele. “O outro é escasso e precisa ser bem gerido. Sou protestante e não gasto muito dinheiro. Não fumo, não bebo nem jogo e não permito que meus trabalhadores tragam bebidas, mulheres, revistas pornográficas armas ou cartas para os meus garimpos. Quando se encontra ouro, deve ser cauteloso quanto a quem trabalha perto de você. Não há meios de se manter o segredo. Então você chama os amigos, pessoas em que confia para cavar ao seu lado. A única maneira de descobrir ouro é cavando vários buracos e peneirando muito cascalho. Mas é difícil para um garimpeiro dar entrada em um pedido de concessão de licença para mineração. As companhias observam o que você está fazendo e então aparecem com a licença para explorar quando você é que encontrou ouro.”